

ORIGEM E INFLUÊNCIAS DA LÍNGUA E LITERATURA INGLESA NA OBRA DE FERNANDO PESSOA

Tamara Critchi de Freitas¹

RESUMO

A obra de Fernando Pessoa em inglês inclui 35 sonetos, poemas, poemas dramáticos (*Epithalamium* e *Antinous*), *Ode a Walt Whitman*, esboços de dramas em inglês (*Prometheus Rebound* e *The Duke of Parm*), inúmeros trabalhos de tradução para o português, como o poema *The Raven* de Edgar Alan Poe e outros. Foram também escritos em inglês inúmeros textos em prosa sobre literatura, crítica e história literária, filosofia, metafísica, sociologia, ocultismo, astrologia, teologia, estética, teoria política e história. Este trabalho visa a analisar a origem do conhecimento do idioma inglês que Pessoa utilizava como língua materna, além de tentar demonstrar algumas das influências de autores ingleses em sua obra em inglês.

PALAVRAS-CHAVE

Fernando Pessoa; Língua inglesa; Literatura inglesa; Influências literárias.

ABSTRACT

Fernando Pessoa's works in English include 35 sonnets, poems, dramatic poems (Epithalamium e Antinous), Ode to Walt Whitman, sketches of English plays (Prometheus Rebound and The Duke of Parm), several translations such as, the poem The Raven from Edgar Alan Poe and others. Many texts in prose were written, as well, about literature, literary criticism and history, philosophy, metaphysics, sociology, occultism, astro-

¹ A autora é Bacharel e Licenciada em Inglês, Russo e Português pela USP, Pós-graduada em Literatura Portuguesa pela USP (incompleto) e em Língua Portuguesa e Literaturas pela FAAT, Professora de Língua Inglesa, Literatura Inglesa e Americana na FAAT.

logy, theology, aesthetics, political theory and history. This papers aims to analyze the origin of the English language which Pessoa used as his mother tongue and tries to demonstrate some of the influences of English authors in his works in English.

KEY WORDS

Fernando Pessoa; English language; English literature; Literary influences.

INTRODUÇÃO

Existem alguns casos na literatura mundial em que autores de origens diversas tornam-se grandes escritores em língua inglesa. Podemos mencionar dois: o primeiro, Joseph Teodor Konrad Korzenowski (Joseph Conrad) (1857-1924), ucraniano de pais poloneses, tornado cidadão britânico em 1864, sendo inglês sua terceira língua. O segundo, Vladimir Vladimirovich (Vladimir Nabokov) (1899-1977), russo, viveu e lecionou em universidades americanas por muitos anos e é autor de um dos livros mais famosos da literatura americana no século XX, *Lolita*.

Fernando Pessoa optou por tornar-se um escritor da língua portuguesa por considerá-la sua língua pátria. Segundo ele mesmo declarou, “minha pátria é a língua portuguesa” (trecho do *Livro do Desassossego* do heterônimo Bernardo Soares). Os motivos que o levaram a essa escolha não são claros. Quanto a sua produção em inglês, Catarina Feldman, em sua tese de doutorado *A Metáfora na Poesia Inglesa de Fernando Pessoa* (1972, p. 239), observa que os poemas publicados na Inglaterra não foram bem recebidos pela crítica da época. Acredita que Pessoa ficou frustrado por não ter tido o reconhecimento esperado por parte dos críticos ingleses, embora tenha tentado.

Em carta ao editor inglês de 1916, submetendo à publicação uma antologia de poesia sensacionista portuguesa (PESSOA,

F. *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*, p. 126), o poeta tenta explicar o sentido de sua teoria do sensacionismo sem conseguir o seu objetivo. Supõe-se que não tenha sido entendido pela complexidade de suas ideias.

Fato semelhante aconteceu com a poeta americana Emily Dickinson (1830-1886), atualmente considerada precursora do modernismo, que teve apenas 7 poemas publicados em vida, revisados e alterados para se enquadrar no espírito puritano da época, e os restantes, mais de 1.700 postumamente.

Pessoa também não quis fixar residência na Inglaterra com seus irmãos, cidadãos britânicos, quando essa oportunidade lhe foi sugerida. Separou-se da família preferindo ir viver em Portugal com suas tias e avó. Apesar disso, durante toda a sua vida esteve conectado ao idioma inglês pensando, estudando, escrevendo, traduzindo e trabalhando para seu sustento, inclusive como correspondente estrangeiro. Consta que suas últimas palavras escritas quando internado no hospital um dia antes de falecer foram *I know not what tomorrow will bring* (não sei o que o amanhã me trará), que revela seu conhecimento, inclusive do inglês arcaico (“I know not” em lugar de “I don’t know”).

Assim, embora tenha optado pelo idioma português para maior parte de sua obra, o que pode ser evidenciado através de seus escritos em inglês é a grande ligação psicológica, emocional e acadêmica do nosso vate com esse idioma. Afirmam Simões (s/d, p. 66/67)

... o certo é que o pequeno Fernando Antonio assimilara tão profundamente o novo idioma que não só o falava como se fosse um colono inglês de origem londrina – falava-o com cuidados acadêmicos, afirma um seu condiscípulo – mas também o assimilara à sua própria vida mental, pensando, falando e escrevendo como se, em verdade, nunca tivesse pensado, falado e escrito em qualquer outra língua.

Futuramente, o próprio poeta se queixaria de “não poder dominar a sintaxe de sua própria língua como dominara a da língua inglesa” (ALFA 15, 1970, *apud* Monteiro, p. 97).

Para tentar explicar como surgiu essa fluência linguística e literária com a língua e cultura inglesas, é importante conhecer a vida de Pessoa desde seus primórdios.

A Vida de Fernando Pessoa

Nascido em Portugal em 13 de junho de 1888, Fernando Antonio Nogueira Pessoa teve sua primeira infância bastante atribulada. Aos cinco anos de idade morre seu pai, Joaquim de Seabra Pessoa, crítico musical e do teatro de ópera de São Carlos de Lisboa. Nesse mesmo ano, falece também seu irmão mais novo, Jorge, antes de completar um ano de idade. Aos cinco anos, precocemente manifestava uma inteligência especial, pois já sabia ler e escrever muito bem. Nessa idade escreveu seu primeiro poema para a mãe:

Ó terras de Portugal
Ó terras onde eu nasci
Por muito que goste delas
Inda gosto mais de ti;

O manuscrito contém esta epígrafe infantil: “À minha querida mamã” (Simões, s/d, p.53).

Outro golpe em sua vida, segundo Simões (*idem*, p. 49), foi o fato de sua mãe casar-se novamente em 1895 com João Miguel Rosa, recém nomeado cônsul interino em Durban, terceira cidade da África do Sul. Mudam-se para Durban, então colônia inglesa de minoria branca, sob o reinado da rainha Vitória (1819-1901).

Quanto à sua família, foi crescendo com a chegada de mais duas irmãs (uma delas faleceu aos três anos de idade) e dois irmãos, que recebem a nacionalidade inglesa. Este dado é importante, pois Pessoa recusou um convite para viver na Inglaterra como dois de seus irmãos (ALFA 15, 1970, p.107).

Assim, dos 7 aos 18 anos, cursou escolas de língua e tradição inglesas. Segundo A. E. Severino, em sua obra *Fernando Pessoa na África do Sul* (ALFA 15, 1970, p. 21), a importância dessa vivência em um ambiente tão distinto ao da pátria portuguesa foi “decisiva para a formação de sua personalidade intelectual e artística”

Em 1905 (18 anos) foi viver em Portugal com a avó e tias, onde passou o restante de sua vida, tornando-se o maior escritor em língua portuguesa, juntamente com Camões.

Faleceu em 30 de novembro de 1935 aos 47 anos, em consequência de problemas hepáticos.

A Vida Escolar em Durban

Em 1896 (aos 7 anos), Pessoa começou a frequentar a escola que ficava no convento de *West Street*, coordenado por freiras católicas irlandesas, onde fez sua primeira comunhão. Teve assim seu contato vivencial com a língua inglesa, embora conste que sua mãe, possuidora de considerável cultura e que conhecia inglês e francês, já lhe havia passado as primeiras lições nesses idiomas.

Em 1899, Pessoa iniciou seu *Highschool*, ensino médio e, em 1901, aos 13 anos, escreveu poesias em inglês. Em 1902, matriculou-se na *Commercial School*, em Durban. Ganhou o prêmio Rainha Vitória, concedido ao seu ensaio de inglês.

No último ano na *Durban High School* (1904), Pessoa prestou o exame *Intermediate Examination*, que daria direito a uma bolsa de estudos na Inglaterra, mas foi vencido pelo seu amigo Clifford Geerds (ALFA 15, 1969, p. 106). Há controvérsias referentes a essa premiação sob o pretexto de um certo tipo de favorecimento ao aluno inglês, pois consta que Pessoa recebeu um total de 1098 pontos contra 930 de Clifford. A justificativa oficial da instituição da não escolha de Pessoa é que “não fizera jus à bolsa de estudos por não residir em Durban durante o espaço de tempo estipulado no regulamento” (idem, p. 105) Isto é possível, pois

havia ficado com a família em Portugal por um ano (de agosto de 1901 a setembro de 1902), quando seu padrasto entrou em gozo de licença. Outra possibilidade também mencionada por Severino é a de que não teria obtido os pontos necessários em Álgebra e Geometria nos exames de admissão. De qualquer maneira, parece que, tendo sido sempre um dos melhores alunos daquele estabelecimento, com certeza frustrou-se com esse desfecho como qualquer estudante. Conclui Severino que, por ter-lhe sido negada a oportunidade de prosseguir seus estudos superiores em uma tradicional universidade inglesa, resolveu prosseguir-los em Portugal (idem, p.106).

O currículo escolar de Pessoa, conforme pesquisa realizada pelo citado Alexandrino E. Severino (ALFA 16, 1970, p. 149), incluía além de matérias básicas como Latim, Álgebra, Geometria, Física, Química, Botânica, Zoologia e Geologia, disciplinas opcionais como História, Francês, Alemão, Grego e outras. Evidentemente todas ensinadas dentro da filosofia pedagógica inglesa. O estudo da língua inglesa incluía historicidade, gramática, soletração, composição, enfim, o necessário para ensinar a uma criança ou adolescente seu idioma pátrio.

O estudo de autores ingleses, como Milton, Shakespeare, Spenser, Carlyle, Tennyson, Macaulay e inúmeros outros era profundo e exigido nos exames que contavam com paráfrases, interpretações, comparações e análises. Paralelamente, em seu diário de leituras referentes ao ano de 1903, constam também Keats, Byron, Jonson e muitos outros autores, o que demonstra que o seu interesse pela literatura inglesa superava os limites escolares. Convém observar que não constam autores de língua portuguesa nas disciplinas nem no diário.

Demonstrando o nível de conhecimento exigido dos alunos, encontramos, entre as questões de literatura inglesa, as seguintes para o estudo de seu exame de admissão no *Higher Grade* em 1903, relativas ao poeta Edmund Spenser (1552-1599) (ALFA 16, 1970, p. 172).

- Resuma a história de *Faerie Queene* (*A Rainha das Fadas*) e apresente a substância da afirmação de Spenser quanto a sua natureza e objetivo. Por que Spenser foi chamado de poeta dos poetas?

E ainda (idem, p. 173):

- Compare resumidamente *Paradise Lost* (*Paraíso Perdido*) de Milton com o *Pilgrim's Progress* (*O Progresso do Peregrino*) de Bunyan. Por que Bunyan foi chamado “o Spenser do povo”?

Para esse exame, o período da literatura inglesa a ser estudado abrangia os anos de 1579 a 1700, época em que a importante obra *The Shepherds Calendar* de Spenser foi publicada e que contribuiu para o movimento de uma nova poesia inglesa.

Essas duas questões refletem o nível do conhecimento exigido de Pessoa e demais alunos sobre autores como Spenser, Milton e outros e a importância deles nos meios acadêmicos ingleses. Vale dizer que essas obras eram de leitura obrigatória, de difícil compreensão, em inglês arcaico e muito longas. Só o *Faerie Queene* consta de 450 versos.

A Influência da Língua e da Cultura Inglesas

A vida de Pessoa, na África do Sul, representa um contato com duas culturas completamente diferentes: a portuguesa e a inglesa. Em casa, era português; na escola, inglês. A família portuguesa cultivava as tradições, costumes, alimentação, religião católica, língua, enfim, um mundo lusitano em terra estranha. Na escola, a partir dos sete anos, teve que adaptar-se ao universo inglês na sua tradição, cultura, religião (maioria protestante), enfim, à visão de mundo inglesa, país que, na época, era aquele sobre o qual o “sol nunca se punha”, portanto, dominador geográfica e economicamente de grande parte do mundo através de suas colônias.

Convém observar também que, no final do século XIX e início do XX, Portugal vivia um período conflituoso e decaden-

te, pois havia saído da monarquia, passado pelo autoritarismo do Estado Novo e alcançado a liberdade e, por vezes, a libertinagem.

Miguel Torga confirma essa asserção ao afirmar que “diante de uma pátria cuja insignificância geográfica, política, econômica e até cultural incomodava e diminuía”, tenta transformar seu “complexo de inferioridade em paixão e superioridade”. E ainda em um de seus poemas declara que ama sua pátria com “resignação de pássaro que nasce em ruim ninho”, ou então, por devotamento intelectual ao “mirrado, ao nada onde é permitido sonhar tudo” (BROWN, 2012, p. 82), reconhecendo a pequenez de sua terra.

Uma observação importante que, eventualmente, teria se incorporado ao adolescente Fernando seria esse sentimento de inferioridade dos portugueses em relação aos ingleses, com seu exacerbado orgulho não só por seus grandes autores, mas também por sua posição político-econômica no mundo.

Assim, se por um lado Pessoa aprendeu a admirar a qualidade dos grandes autores ingleses, sua cultura e tradição, por outro vivia numa época histórica em que seu país enfrentava uma crise de identidade, representada por um profundo complexo de inferioridade.

Segundo Catarina Feldman (1972, p. 136),

Nesse idioma (**o inglês**) (grifo nosso) Pessoa havia sido introduzido à vida intelectual superior e nele elaborava suas ideias, pois dominava seu traquejo; sua riqueza léxica e flexibilidade sintática lhe tinham sido demonstradas através de leituras as mais variadas. Naturalmente, essa língua deve ter-se-lhe afigurado, a princípio como a mais propícia a tentativas poéticas.

Além disso, a dualidade entre o pensamento e sentimento inglês e português é também enfatizada por Simões (p. 71) a propósito da vida de Pessoa na África do sul:

Se pensava já em inglês como de resto pensará toda a vida, a verdade é que não sentia como inglês o que aliás nunca na verdade psicologicamente virá a acontecer. Para se pensar, pensa-se em qualquer língua bem aprendida, para se sentir, apenas se sente bem na língua que é a nossa língua de berço (SIMÕES, 1970, p.71).

Severino afirma também que Pessoa conservou-se “mudo” quanto às suas experiências em terras inglesas, mas uma coisa é verdadeira – ele trata a educação recebida na colônia africana de Durban como se fosse recebida na própria Inglaterra (idem, p. 108).

Influências Literárias

Em vista da subjetividade do assunto e da multiplicidade da obra de Fernando Pessoa em inglês, serão focados, resumidamente, apenas os sonetos e o poema dramático *Epithalamium*.

Os sonetos

William Shakespeare (1564-1616) escreveu 154 sonetos publicados em 1609 nos quais basicamente trata de temas como amor, morte, passagem do tempo, imortalidade e traição. Os poemas foram dedicados a um homem e a duas mulheres, uma delas negra.

Pessoa decidiu escrever seus sonetos como exercícios literários e imitou o mesmo sistema de métrica e rimas de Shakespeare (ABAB CDCD EFEF GG). Utilizou também o inglês elisabetano, inclusive com as famosas convenções literárias. Quanto às ideias, porém, Pessoa revelou ser ele mesmo, pois os temas unificadores dos sonetos são a dialética entre sonho e realidade, pensar e ver (interior e exterior), pensamento e ação, conflitos encontrados também em sua obra em língua portuguesa.

Em carta a Côrtes-Rodrigues de 1914, informava Pessoa que: “Quando morava na rua da Glória, achou nos sonetos de Shakespeare uma complexidade que quis reproduzir numa adap-

tação moderna sem perda de originalidade e imposição de individualidade aos sonetos. Passados tempos realizou-os (PESSOA, Fernando, *Poemas Ingleses*, p. 34).

Se não foram bem recebidos pelos críticos ingleses, para os leitores brasileiros e portugueses os sonetos pessoanos refletem a genialidade embrionária da temática de seu autor, além de demonstrarem suas evidentes habilidades no idioma inglês.

Epithalamium – Poema Dramático

A propósito do poema *Epithalamium* (e a outro intitulado *Antinous*, sobre um relacionamento homossexual na Grécia antiga e que não será abordado neste trabalho), o próprio Pessoa declarou em carta a Gaspar Simões de 18 de novembro de 1930:

Uma explicação. *Antinous* e *Epithalamium* são os únicos poemas (ou até composições) que eu tenho escrito que são nitidamente o que pode chamar de obscenos... Como esses sentimentos (de obscenidade) são um certo estorvo para alguns processos mentais superiores, decidi, por duas vezes, eliminá-los pelo processo simples de os exprimir intensamente... Não sei porque escrevi qualquer dos poemas em inglês.

Epithalamium é um gênero literário originalmente cantado em celebração à cerimônia do casamento na Grécia antiga. Seus elementos principais são:

1. A Invocação das musas;
2. A volta da noiva e do cortejo para a casa;
3. Os cantos e as danças na festa de casamento;
4. As preparações para a noite de núpcias;

O escritor inglês Edmundo Spenser escreveu seu *Epithalamium* em 1515, auge do período elisabetano. Ao analisar os dois poemas chega-se à conclusão de que Pessoa o parodia, pois, ironicamente, critica a postura tradicional que se adequa à moral

puritana da época. Pessoa inicia o seu *Epithalamium* onde termina o de Spenser, i.e., com a noite do defloramento, já imbuído no pensamento erótico da noiva desde o despertar do dia. O jogo dialético de Spenser é prevalência do exterior sobre o interior, evitando os elementos eróticos, contrariamente ao de Pessoa, e é justamente nesse ponto que percebemos o sarcasmo do nosso poeta.

Algumas Opiniões Favoráveis ou Desfavoráveis de Pessoa sobre Autores Ingleses

Segundo o próprio Pessoa, os livros que mais o influenciaram na vida foram: na infância e primeira adolescência “um livro supremo e envolvente”, os *Pickwick Papers* de Dickens, na segunda adolescência, Shakespeare e Milton, além dos poetas românticos e talvez Shelley (PESSOA, 1946, p. 298); na terceira adolescência, os filósofos gregos e alemães e os decadentes franceses. Quanto aos demais, disse ele ironicamente, “todos eles têm uma suprema importância que passa no dia seguinte” (idem, p. 298).

O conhecimento profundo da literatura inglesa permitiu a Pessoa expressar suas opiniões reiteradamente quanto a alguns autores que ele admirava ou não e sempre justificando seu posicionamento através da análise das obras. Algumas dessas opiniões encontram-se em seu livro *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, em Inglês com tradução de Jorge Rosa (Ática, Lisboa, s/d)

Quando discorre sobre o tema “*Fama Morta e Fama Viva*” (idem, p.237), afirma o seguinte:

Há uma fama morta e uma viva e cada qual é fama, há uma fama que trabalha e pesquisa e uma fama que é como uma estátua, ou um epitáfio, uma sobrevivência sem vida. Shakespeare vive a labuta, Spenser é um nome sem força. Ninguém (talvez nem mesmo Spenser) jamais leu *Faerie Queene* com total profundidade.

Alguns, na verdade, refugiam-se na suculência e na pompa como Spenser, cuja *Faerie Queene* ninguém jamais leu (idem p. 266).

Outro exemplo, Pessoa reconhece Spenser, Shakespeare e Milton como “culminâncias poéticas do período isabelino” (PES- SOA, 1946, p. 363). As menções ao primeiro, nessa obra, são raras (4) e todas negativas, enquanto que abundam as referências a Shakespeare (56) e Milton (26), entre outros, na grande maioria elogiosas.

Fernando Pessoa demonstra ainda seu desagrado por Spenser ao afirmar (idem, p.187,188)

There is perhaps more wisdom, or worldly wisdom, as such in a book by Aldous Huxley than in all Spenser. But Spenser will be remembered, though unread, in thousand years from now: and for Aldous Huxley there will be neither reading nor remembering.

Há, talvez, mais sabedoria, ou sabedoria do mundo como tal, num livro de Aldous Huxley do que em toda a obra de Spenser. Mas Spenser será lembrado, embora ninguém o leia, daqui a mil anos; enquanto que Aldous Huxley, este ninguém o lerá nem se lembrará dele.

Gênero Épico

Manifesta também seu desagrado quanto ao gênero épico, embora *Faerie Queene* de Spenser (1590) e *Paraíso Perdido* de Milton (1667) sejam altamente considerados na literatura inglesa.

Ainda que Pessoa admirasse a obra de Milton, critica o gênero qualificando-o de enfadonho. Segundo declarou, não conseguiu sequer ler *O Paraíso Perdido* uma segunda vez. Para ele, *All the metrical science of Milton, and it was very great, cannot make of Paradise Lost anything but a dull poem. It is dull and we must not lie to our souls by denying it* (p. 215).

Traduzindo:

Toda a ciência métrica de Milton, e era muito grande, não pode fazer mais por *Paraíso Perdido* do que ser um poema enfadonho. É enfadonho e não devemos mentir para nossas almas negando isso.

Pessoa julga o gênero épico falido, pois foi apenas um “pre-cursor da novela”. Com a chegada desta podemos omitir o épico num poema, assegura ele (p.208.). Manifesta-se também contra o tipo de verso branco (com métrica e sem rima), pois este “é o verso ideal para um poema épico que não dá para escrever” e tampouco para ler, pois falta ação material ou mental (p. 214).

Para ele um poema amarrado à forma ou verso branco deve ser no mínimo curto para que possa ser mantido o interesse do leitor (idem, p. 214).

Considerações Finais

O presente estudo da vida de Fernando Pessoa e de sua formação acadêmica na África do Sul demonstra a origem e importância do idioma inglês na vida e obra do autor, no qual expressou pensamentos e ideias. Alguns deles se transformaram em uma multiplicidade de *persona*, ou heterônimos, e outros que permaneceram restritos ao idioma inglês.

Dedicou, também, grande parte de sua vida estudando e analisando praticamente todos os grandes autores ingleses, o que o autorizou a manifestar opiniões favoráveis e críticas contra muitos deles. Isso formou a base de sua visão cultural e habilidade crítica que, aliada, à sua genialidade, gerou uma obra em inglês consistente e respeitada tanto filosófica quanto poeticamente.

Outra característica digna de nota é que poucos autores ingleses se aventuraram em reconstruir poemas com o inglês shakespeariano como o fez Pessoa, demonstrando que tinha condições técnicas, conhecimento cultural, literário, linguístico e inspiração poética. Ato de coragem e ousadia que confirma seu grande valor e profundo conhecimento não só da língua como da

literatura inglesa. Seu mérito, no entanto, não reside nesses fatos apenas. Toda a sua obra em inglês revela os conflitos dos poetas modernos e, talvez, um dia seja reconhecida pelos herdeiros de Shakespeare desde que tenham condições de compreender e aceitar sua complexidade e modernismo.

Bibliografia

- ABRAMS, M.H. et all *The Norton Anthology of English Literature*, revised: New York: W.W. Norton & Company, 1968.
- AZEVEDO, Mail Marques, *The Parody and Metafiction in Jonathan Coe's Winshaw Legacy*. Estudos Anglo-Americanos ABRAPUI, São José do Rio Preto, SP, 2007-2009.
- BURGUESS, Anthony, *A Literatura Inglesa*, 2ª Edição, São Paulo: Editora Ática, 2004.
- BROOKS, C. and WARREN, R.P. *Understanding Poetry*, 3rd Ed. USA: Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1960.
- BROWN, Sonia Maria Ruiz, *A mulher declamada na poesia portuguesa*, 2012 (mimeo).
- DRABBLE, Margaret, *The Oxford Companion to English Literature*: 6th Edition, Great Britain: Oxford University Press, 2000.
- FELDMAN, Catarina T. *A Metáfora na Poesia Inglesa de Fernando Pessoa*: São Paulo, 1972 (mimeo).
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária: (Introdução à Ciência de Literatura)*. 5ª edição. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1970.
- MOISÉS, Massaud. *Guia Prático de Análise Literária*: São Paulo: Cultrix, s/d.
- _____. *Dicionário de Termos Literários*: São Paulo: Cultrix, 1974.
- MONEGAL, Emir R. ET all. *Sobre a Paródia*: Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1980.

- MONTEIRO, Maria da Encarnação Tavares. *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*: in Biblos, nº 31, 1935.
- OUSBY, Ian Editor. *Companion to Literature in English*: England: Wordsworth Editions, 1988.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*, org. introdução e notas de Maria Aliete Galhoz: Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.
- _____. *Obras em Prosa*, Intr. De Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.
- _____. *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*: Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Editora Ática, 1946.
- _____. *Poemas Completos de Alberto Caeiro/Fernando Pessoa*: comentários e notas de Maria Helena Nery Garcez: São Paulo: Editora Nacional, Lazuli Editora, 2007.
- _____. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*: Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Editora Ática, 1966.
- _____. *Poemas Ingleses Publicados por Fernando Pessoa*: Edição bilíngue, prefácio, traduções, variantes e notas de Jorge de Sena e traduções também de Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal. Lisboa: Edições Ática, 1974.
- SEVERINO, Alexandrino Eusébio. *Fernando Pessoa na África do Sul*: Marília, Alfa nºs 15 e 16, 1970.
- SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa: História de uma Geração*, 2ª edição . Portugal: Livraria Bertrand, (1970?)